

Grupos de Pesquisa da área de Educação no Brasil: revisão de literatura¹

Research Groups in the area of Education in Brazil: literature review

Grupos de investigación en el área de la Educación en Brasil: revision de la literatura

Jefferson Mainardes - Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise de 55 trabalhos sobre Grupos de Pesquisa da área de Educação no Brasil. A partir dos trabalhos revisados, são apresentadas três principais implicações para a construção de uma agenda de pesquisa sobre Grupos de Pesquisa: a) a necessidade de ampliação dos fundamentos ético-ontopistemológicos para a pesquisa sobre Grupos de Pesquisa; b) a ampliação da interlocução com a literatura nacional e internacional; e c) a expansão do foco nas pesquisas sobre Grupos de Pesquisa. Argumenta-se que os Grupos de Pesquisa estão fortemente incorporados na cultura de pesquisa, principalmente na Pós-Graduação e que, no Brasil e na América Latina, os Grupos de Pesquisa necessitam de maior valorização e reconhecimento no âmbito das instituições e dos órgãos de fomento.

Palavras-chave: grupos de pesquisa; pesquisa em educação; perspectiva ético-ontopistemológica.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of 55 works on Research Groups in the field of Education in Brazil. From the reviewed works, three main implications for the construction of a research agenda on Research Groups are presented: a) there is the need to expand the ethico-ontopistemological foundations for research on Research Groups; b) the expansion of interlocution with the national and international literature; and c) the expansion of research focus on Research Groups. It is argued that Research Groups are strongly embedded in the research culture, especially in Graduate Studies and that, in Brazil and Latin America, Research Groups need greater appreciation and recognition within institutions and funding agencies.

Keywords: research groups; research in education; ethical-ontopistemological perspective.

RESUMEN

¹ Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Este artículo presenta un análisis de 55 trabajos sobre Grupos de Investigación en el campo de la Educación en Brasil. A partir de los trabajos revisados se presentan tres implicaciones principales para la construcción de una agenda de investigación en Grupos de Investigación: a) la necesidad de ampliar los fundamentos ético-ontopistemológicos para la investigación en Grupos de Investigación; b) la ampliación del diálogo con la literatura nacional e internacional; y c) la expansión del enfoque de investigación en Grupos de Investigación. Se argumenta que los Grupos de Investigación están fuertemente arraigados en la cultura de la investigación, especialmente en los Estudios de Posgrado y que, en Brasil y América Latina, los Grupos de Investigación necesitan una mayor apreciación y reconocimiento en el ámbito de las instituciones y agencias de promoción.

Palabras-clave: grupos de investigación; investigación educativa; perspectiva ético-ontopistemológica.

Introdução

O objetivo deste artigo é explorar as principais conclusões de pesquisas e de publicações sobre Grupos de Pesquisa da área de Educação no Brasil, bem como indicar algumas contribuições para a construção de uma agenda de pesquisas sobre esse tema. A partir de uma busca exaustiva, foram catalogados 55 trabalhos, sendo três teses, duas dissertações, dois livros, quatro capítulos e 44 artigos que abordam diversas questões relacionadas a Grupos de Pesquisa em diferentes subáreas ou temáticas da área de Educação.

Na pesquisa bibliográfica realizada, constatou-se que a temática Grupos de Pesquisa tem sido abordada em diversas áreas, tais como Enfermagem, Administração, Biblioteconomia, Saúde (Pediatría, Psiquiatria, Geriatria), Ciência da Informação, Ciência do Esporte, Educação Física, Desenvolvimento Sustentável, Geografia, Psicologia, Nanotecnologia, Biotecnologia, Bioenergia, universidade-empresa, entre outras. Esses trabalhos exploram diversas questões relevantes, tais como: processos de aprendizagem e desenvolvimento de competências individuais (ODELIUS; SENA, 2009), produção científica de Grupos de Pesquisa (MOREIRA; VILAN FILHO; MUELLER, 2015), perfil dos Grupos de Pesquisa de Enfermagem (COSTA *et al.*, 2014), Grupos de Pesquisa de Pediatría (OLIVEIRA *et al.*, 2015), Grupos de Pesquisa em Geografia (VINHA, 2015). É relevante levar em consideração como o tema vem sendo abordado em outras áreas, com a finalidade de avaliar as pesquisas e as discussões sobre a temática na área de Educação, bem como dialogar com a produção de outras áreas.

No contexto internacional, há muitos estudos sobre Grupos de Pesquisa. Na década de 1970, uma equipe de pesquisadores conduziu um estudo abrangente dos Grupos de Ciência e Tecnologia em seis países: Áustria, Bélgica, Finlândia, Hungria, Polônia e Suécia (ANDREWS, 1979). Três fatores principais foram discutidos: a) comunicação e colaboração nos Grupos de Pesquisa; b) papel do líder; e c) número de participantes (tamanho do Grupo). Além disso, o papel dos grupos na formação e

na socialização de novos pesquisadores tem sido estudado por autores de diferentes países (ARECHAVALA VARGAS; DÍAZ PÉREZ, 1996; HORTA; LACY, 2011; LÓPEZ-YÁÑES; ALTOPIEDI, 2015; REY ROCHA; SEMPERE; SEBASTIÁN, 2008; SMITH, 1981; VABØ *et al.*, 2016). Uma questão recorrente nos estudos refere-se ao número de participantes do Grupo. Diversos trabalhos concluíram que, nas Ciências Naturais, um tamanho favorável parece ser de três a cinco pesquisadores, alunos de Doutorado e pessoal de apoio técnico. No entanto, outros trabalhos indicam que essas conclusões se referem a pesquisas mais antigas. Estudos mais recentes sugerem o número de pesquisadores deve ser adequado de forma a permitir a comunicação interna e a colaboração entre os membros da equipe. Vários estudos apontam que a produtividade científica está relacionada a diversos fatores, tais como: número de pesquisadores e estudantes, *status* acadêmico da instituição e dos líderes, faixa etária e gênero (HORTA; LACY, 2011, KENNA; BERCHE, 2012; VABØ *et al.*, 2016). De modo geral, pode-se afirmar que a literatura consultada em inglês e espanhol é vasta e bem fundamentada, com uma série de evidências importantes sobre as funções dos Grupos de Pesquisa, papel do líder, aspectos relacionados à sua gestão e ao seu funcionamento, entre outras questões relevantes.

É importante destacar que os Grupos de Pesquisa assumem características distintas em cada área de conhecimento. Nas áreas de Saúde, Ciências Naturais, Engenharias, por exemplo, é comum a existência de um amplo projeto de pesquisa que envolve diversos pesquisadores e estudantes. Na área de Ciências Humanas e Sociais, embora existam projetos de pesquisa coletivos, há a predominância de pesquisas individuais. Nesse caso, o Grupo de Pesquisa funciona como um elemento agregador de pesquisadores que têm em comum determinados interesses de pesquisa e fundamentos teórico-metodológicos comuns (ou similares).

Na próxima seção, apresenta-se um panorama da situação dos Grupos de Pesquisa no Brasil.

A situação dos Grupos de Pesquisa no Brasil

No Brasil, os Grupos de Pesquisa surgiram a partir da década de 1980, em Programas de Pós-Graduação (PPGs) de diferentes áreas, principalmente nos mais consolidados. O crescimento e a consolidação dos Grupos de Pesquisa ocorreram, de forma muito evidente, a partir de 1992, com a criação do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGPB), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O surgimento dos primeiros Grupos de Pesquisa no Brasil está relacionado a uma série de fatores contextuais. No contexto nacional, a Resolução Nº 5, de 10 de março de 1983, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), estabeleceu normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, recomendando que os PPGs se organizassem em Linhas de Pesquisa (BRASIL, 1983). O pedido de credenciamento incluía, conforme o Art. 6º, inciso IV, a comprovação de “[e]xperiência de pesquisa do grupo, demonstrada mediante a descrição da atividade criadora específica dos membros do corpo docente e a produção de trabalhos originais” (BRASIL, 1983, n.p.). A partir da citada Resolução, diversos documentos e orientações das avaliações da Pós-Graduação pela Capes, bem como chamadas e editais, deixaram clara a ideia de que os grupos de pesquisa são essenciais na formação de pesquisadores na Pós-Graduação. Além disso, a importância dos Grupos de Pesquisa aparece nos Planos Nacionais de Pós-Graduação (MAINARDES, 2021a). No contexto internacional, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, a relevância dos Grupos de Pesquisa para a potencialização da pesquisa e da formação de pesquisadores já estava em debate desde a década de 1950 (GREEN, 1954; ANDREWS, 1979; SMITH, 1981; ZIMAN, 1983)².

De acordo com dados do CNPq, o DGPB registrou o aumento contínuo dos Grupos de Pesquisa: 4.402 (1993), 7.271 (1995), 8.632 (1997), 11.760 (2000), 15.158 (2002), 19.470 (2004), 21.024 (2006), 22.797 (2008), 27.523 (2010), 35.435 (2014) e 37.640 (2016), com uma taxa de crescimento médio anual de 9,78% e taxa de crescimento de 1993-2016 de 755,07% (MAINARDES, 2021a). O número de pesquisadores cresceu de 21.541, em 1993, para 199.566, em 2016. A taxa de crescimento anual do número de pesquisadores foi de 19,16%, e a taxa de

² Em 1954, David Green (1954) publicou uma carta na revista *Science*, destacando que os principais problemas da ciência experimental são como quebra-cabeças gigantes, que não podem ser resolvidos até que centenas de peças individuais sejam colocadas juntas nos padrões. Quando o problema geral possui diversas facetas, as chances de solução são aproximadamente proporcionais ao número de facetas investigadas. Um único investigador simplesmente não consegue lidar com o volume de experimentação, de pesquisa por tentativa e erro necessárias para encontrar as pistas necessárias. Ainda para Green (1954), a pesquisa em grupo não é apenas um empreendimento científico, mas também um experimento de relações humanas. O líder adequado de um Grupo de Pesquisa deve estar interessado principalmente em resolver um problema, e qualquer pessoa que possa contribuir para esse fim deve ser encorajada. Em 1983, Ziman (1983) propôs o conceito de “coletivização da ciência”. Para o autor, a coletivização da ciência mudou não apenas a função social da ciência, mas também sua sociologia interna. Os cientistas deveriam ser considerados membros de uma comunidade transnacional dedicada à “busca da verdade” (ZIMAN, 1983, p. 213). A coletivização gera pressão por eficiência e responsabilidade pública. A partir desse conceito, Blasi e Romagnosi (2009, p. 1) destacam que a coletivização da ciência pode efetivar-se por meio dos Grupos de Pesquisa e enfatizam a importância deles como “unidade elementar” de análise na definição de políticas e para uma melhor governança das universidades.

crescimento de 1993-2016 foi de 826,45%. No ano de 2000, a área de Educação contava com 631 grupos. Com um crescimento médio anual de 11,49%, em 2016, existiam 3.595 grupos e 26.011 pesquisadores nos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq.

Pode-se argumentar que, no Brasil, ao longo de quase 30 anos de existência do DGPB/CNPq, os Grupos de Pesquisa passaram a integrar a cultura de pesquisa no Brasil, especialmente na Pós-Graduação, e tem contribuído para o fortalecimento da pesquisa, bem como para a melhoria da formação de pesquisadores e a ampliação de intercâmbios e parcerias com grupos e pesquisadores nacionais e estrangeiros.

A pesquisa sobre Grupos de Pesquisa da área de Educação

A pesquisa envolveu a consulta a diversos repositórios, tais como: Biblioteca Eletrônica Científica *Online* (SciELO), Educ@, *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc), Dialnet, Crossref.org, Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. No levantamento de dados, optou-se por não incluir os trabalhos de eventos. Foram localizados 55 trabalhos: três teses, duas dissertações, dois livros, quatro capítulos e 44 artigos. Os trabalhos foram distribuídos em 20 categorias (Tabela 1).

Tabela 1: Categorização dos trabalhos sobre Grupos de Pesquisa – Educação (2003-2021), incluídos na revisão de literatura

Categoria	Autores	Total
Formação de professores e Trabalho docente	Souza (2008) Cruz (2016) Farias, Ramos e Silva (2018) Leite, Quadros e Ferreira Filho (2018) Rocha e Martins (2018) Romanowski, Martins e Vosgerau (2018) Tozetto <i>et al.</i> (2018) Souza e Chapani (2019) Tassoni e Almeida (2020)	9
Política e Gestão da Educação	Adrião (2012) Gemaque, Gutierrez e Mendes (2012) Luce <i>et al.</i> (2012) Oliveira e Assis (2012) Tavares (2012) Matos e Reis (2019) Matos, Reis e Costa (2020) Mainardes (2021a)	8
Importância/papel dos Grupos de Pesquisa	Gatti (2005) André (2007)	6

	Pereira e Andrade (2008) Sánchez Gamboa (2011) Sant'Ana (2015) Bianchetti (2021)	
Educação Infantil	Crepaldi (2008) Silva, Luz e Faria Filho (2010) Silva, Luz e Cordeiro (2019)	3
História da Educação	Hayashi (2007) Hayashi e Ferreira Junior (2010) Corrêa (2013)	3
Educação no campo	Hage (2009) Hayashi e Gonçalves (2016) Werle (2018)	3
Formação de pesquisadores no espaço grupal	Foletto (2017) Foletto e Isaia (2017a, 2017b)	3
Ensino de Ciências e Matemática/Educação Matemática	Scanduzzi e Lübeck (2011) Teixeira (2015) Hoffmann <i>et al.</i> (2019)	3
Ensino Superior	Broilo e Cunha (2008) Almeida e Dall Igna (2018)	2
Alfabetização	Farias e Antunes (2009) Schwartz, Frade e Macedo (2019)	2
Educação Especial/Educação Inclusiva	Silva Junior e Silva (2014) Souza e Barros (2020)	2
Panorama de Grupos no Brasil (Brasil e Santa Catarina)	Robl e Meneghel (2003) Morosini (2008)	2
Trajatória de Grupos	Oliveira e Peres (2009) Pucci (2011)	2
Currículo	Abramowicz e Stano (2007)	1
Teoria Histórico-cultural	Asbahr e Oliveira (2021)	1
Ambiente virtual	Brito, Knoll e Simonian (2010)	1
Trabalho e Educação	Moraes, Lobão e Kruppa (2011)	1
Paulo Freire	Oliveira, Mota Neto e Hage (2011)	1
Educação Interprofissional	Rossit <i>et al.</i> (2018)	1
Educação a Distância (EAD)	Kenski (2017)	1
Total		55

Fonte: Dados da pesquisa organizados pelo autor.

A área de Educação é a que possui o maior número de grupos no DGPB/CNPq. Trata-se também de uma área abrangente, com diversas subáreas. Apesar da magnitude dos Grupos de Pesquisa na área de Educação, é ainda uma temática pouco pesquisada. Nos 55 trabalhos, observa-se que as áreas contempladas foram as seguintes: Formação de professores e trabalho docente (nove trabalhos), Política e Gestão da Educação (oito trabalhos), Educação Infantil (três), História da Educação (três), Educação no campo (três), Ensino de Ciências e Matemática (três), Ensino Superior (dois), Alfabetização (dois), Educação Especial/Educação Inclusiva (dois),

Currículo (um), Trabalho e Educação (um) e EAD (um). O número de trabalhos mais significativo de artigos sobre Formação de Professores e trabalho docente e sobre Política e Gestão da Educação está relacionado à publicação de dossiês sobre Grupos de Pesquisa nas revistas “Formação Docente” (2018) e *Jornal de Políticas Educacionais* (2012), respectivamente.

Importância e papel dos Grupos de Pesquisa

Do conjunto de trabalhos, destaca-se a categoria “Importância/papel dos Grupos de Pesquisa”. Essa categoria reúne trabalhos com discussões mais gerais que podem contribuir para fundamentar as pesquisas sobre a temática. André (2007) argumenta que os Grupos de Pesquisa possuem potencial para se tornarem um espaço genuíno de formação, tanto para Pós-Graduandos quanto para seus orientadores, contribuindo para o “fortalecimento das linhas de pesquisa e para a consolidação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*” (ANDRÉ, 2007, p. 133). Para a autora, os Grupos de Pesquisa deveriam deixar de ter um papel formalista e burocrático e tornarem-se espaços formativos e de melhoria da qualidade dos PPGs.

Para Gatti (2005), a intercomunicação com pares, o trabalho em equipe, as redes de trocas de ideias e a disseminação de propostas e de achados de investigação, os grupos de referência temática, constituem “uma condição essencial à realização de investigações científicas e ao avanço dos conhecimentos” (GATTI, 2005, p. 124). Assim sendo, os Grupos de Pesquisa contribuem tanto para os pesquisadores experientes quanto para os iniciantes.

Pereira e Andrade (2008) demonstram que a experiência de pesquisas coletivas e integradas em Grupos de Pesquisa se ampliou no Brasil e integra a política de pesquisa assumida pelas universidades e pelos órgãos de fomento à pesquisa. O Grupo de Pesquisa desenvolve um trabalho pedagógico voltado à incorporação dos esquemas de percepção e de ação indispensáveis à prática científica.

Ao pôr em contato direto na e pela pesquisa, investigadores com diferentes graus de experiência, o grupo tanto cumpre o papel de intelectual coletivo específico, quanto desempenha a função de escola, esta entendida como agência formadora do habitus (PEREIRA; ANDRADE, 2008, p. 157).

Sánchez Gamboa (2011) explica que as condições institucionais para a produção do conhecimento mudaram substancialmente a partir dos anos de 1990 com o surgimento dos Grupos e das Linhas de Pesquisa, pois estes alteraram o modelo de áreas de concentração indicado pelo Parecer N° 977/1965 e pelo Parecer N° 77/1969 do Conselho Federal de Educação, que regulamentaram a Pós-

Graduação. Para o autor, os grupos de pesquisa surgem como uma “nova forma institucional de potencializar as condições da produção do conhecimento científico” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2011, p. 268).

Morisini (2008), com base na teoria de Bourdieu, explica que o campo científico é planejado e construído considerando as estratégias de investimentos na carreira do pesquisador. Na construção do *networking* de um diretório de pesquisa, as relações nacionais e internacionais com outros grupos de pesquisa mais reconhecidos tendem a conceder mais poder ao próprio grupo. As relações sociais reforçam a identidade: “ser reconhecido como membro de um determinado grupo, além de garantir suporte emocional, possibilita legitimidade pública no que respeita ao direito e a determinados recursos” (MORISINI, 2008, p. 91).

Nas demais categorias, merece destaque o fato de diversos trabalhos apresentarem uma visão panorâmica dos Grupos de Pesquisa, geralmente elaborada a partir de pesquisa junto ao DGPB/CNPq (e.g. ASBAHR; OLIVEIRA, 2021; HAYASHI; FERREIRA JUNIOR, 2010; MAINARDES, 2021a; OLIVEIRA; MOTA NETO; HAGE, 2011; WERLE, 2018). Os livros organizados por Broilo e Cunha (2008) e Kenski (2017) são bastante representativos, pois reúnem diversas análises de Grupos de Pesquisa de Educação Superior e Educação a Distância, respectivamente.

Tipo de abordagem

Com relação ao tipo de abordagem, os trabalhos incluídos nessa revisão podem ser classificados em três grandes grupos: a) Estudos de natureza teórica sobre Grupos de Pesquisa ou abordagens mais genéricas sobre a estrutura e o funcionamento dos Grupos de Pesquisa (19 trabalhos); b) Estudos de nível macro, que visam expor um inventário dos Grupos de Pesquisa nos âmbitos nacional, regional ou local (em uma instituição ou a articulação entre grupos de pesquisa) (19 trabalhos); e c) estudos de nível micro que visam relatar a trajetória de Grupo de Pesquisa ou analisar sua produção e impactos (17 trabalhos). Cada um dos tipos de abordagem apresenta contribuições para a compreensão da dinâmica dos Grupos de Pesquisa.

Os estudos de natureza teórica sobre Grupos de Pesquisa ou abordagens mais genéricas podem servir de fundamentação para pesquisas sobre a temática. Os estudos de nível macro apresentam dados mais gerais sobre a situação dos Grupos de Pesquisa de um determinado campo. Tais dados podem servir como ponto de partida para uma avaliação dos Grupos de Pesquisa de um campo ou região e, ainda, como ponto de partida para explorar aspectos relacionados ao funcionamento

desses grupos. Os estudos de trajetórias não deixam de ser significativos, pois são registros sobre a formação e o desenvolvimento do Grupo de Pesquisa ou, também, análises das suas produções. No entanto, a literatura existente está mais voltada a documentar os Grupos de Pesquisa como eventos do que analisá-los de forma mais aprofundada, com relação a diversos aspectos relevantes, tais como dentro do contexto das políticas institucionais e das políticas de fomento à pesquisa.

Implicações para a construção de uma agenda de pesquisa sobre Grupos de pesquisa

A partir da análise dos trabalhos incluídos na revisão, apresentam-se, a seguir, algumas implicações para a construção de uma agenda sobre Grupos de Pesquisa no Brasil.

1º) Necessidade de ampliação dos fundamentos ético-ontoepestemológicos³ para a pesquisa sobre Grupos de Pesquisa

A pesquisa evidenciou que a produção de conhecimento sobre Grupos de Pesquisa, no Brasil, em geral, e da área de Educação, em particular, apesar de relevante, ainda carece de fundamentos teóricos mais consistentes. Autores como Morosini (2008), Pereira e Andrade (2008), Hayashi e Ferreira Junior (2010), Mainardes (2021a) utilizam-se de contribuições de Pierre Bourdieu para fundamentar a análise dos Grupos de Pesquisa como espaços de aquisição do *habitus* científico. Essas ideias, de fato, permitem uma análise significativa da função dos Grupos de Pesquisa, porém há necessidade de ampliação dos fundamentos ontoepistemológicos.

Na literatura internacional, alguns dos fundamentos empregados são os seguintes: comunidades de práticas, comunidades epistêmicas, epistemologia social, coletivização da ciência, pesquisa colaborativa, entre outros. Há também o esforço de ampliar os fundamentos teóricos das pesquisas sobre o tema. Wagenknecht (2016) explica que os Grupos de Pesquisa têm sido uma prática indiscutível nas Ciências Naturais há muitas décadas. Apesar disso, trata-se de um objeto de pesquisa relativamente novo para epistemólogos sociais e filósofos da ciência. A autora cita

³ De forma breve, pode-se definir a perspectiva ético-ontoepestemológica como a indissociabilidade entre ética, ontologia, epistemologia e metodologia na prática da pesquisa e na apresentação de seus resultados. Na visão de Stetsenko (2021), a perspectiva ético-ontoepestemológica refere-se à unidade entre ser-saber-fazer. Trata-se de uma perspectiva mais ampla do que o conceito de epistemologia (TELLO; 2012; TELLO; MAINARDES, 2015). A respeito dessa perspectiva, ver Stetsenko (2021), Vianna e Stetsenko (2021) e Mainardes (2021c).

como referenciais relevantes as contribuições de John Hardwig (1985, 1991) sobre o trabalho em Grupos de Pesquisa e de Margaret Gilbert (1989, 2004) sobre a noção de crença coletiva na pesquisa colaborativa. Segundo Wagenknecht (2016), para filósofos e epistemólogos sociais, os Grupos de Pesquisa são interessantes na medida em que as interações dos membros dizem respeito imediatamente à criação colaborativa de conhecimento científico. A tendência dos epistemólogos sociais era abordar Grupos de Pesquisa sob uma perspectiva individualista ou coletivista. A autora procura ainda abordar até que ponto o conhecimento científico criado colaborativamente pode ser caracterizado como conhecimento coletivo. A busca de referenciais mais amplos e consistentes pode contribuir para a realização de pesquisas mais bem fundamentadas no contexto brasileiro.

2º) Ampliação da interlocução com a literatura nacional e internacional

Nesta revisão, observou-se uma baixa interlocução com a literatura nacional e internacional. O diálogo com o conhecimento produzido sobre a temática possibilitaria a comparação de dados e de evidências; o contato com outras metodologias; a ampliação dos fundamentos teóricos, análises e argumentações. A literatura internacional sobre Grupos de Pesquisa é ampla e, de modo geral, refere-se a contextos nos quais os Grupos de Pesquisa são mais consolidados. Desse modo, essa literatura pode contribuir para o aperfeiçoamento da pesquisa sobre o tema no contexto brasileiro.

3º) Expansão do foco nas pesquisas sobre Grupos de Pesquisa

A literatura existente sobre Grupos de Pesquisa no Brasil oscila entre análises mais panorâmicas e análises de nível micro (trajetória de Grupos de Pesquisa e produção de grupos). Em virtude disso, há ainda diversos aspectos dos Grupos de Pesquisa que precisam ser explorados:

a) A realização de pesquisas que explorem a visão dos participantes de Grupos de Pesquisa (líderes, pesquisadores, estudantes, colaboradores estrangeiros, técnicos), e especial atenção necessita ser dada aos estudantes. A literatura sobre o tema tende a evidenciar o Grupo de Pesquisa como um *locus* privilegiado para a aprendizagem da prática científica e do desenvolvimento de pesquisa colaborativa. Apesar disso, é importante verificar em que medida esses ideais se concretizam. Deve-se ter em mente que a atividade em grupo pode adquirir diferentes perspectivas, como, por exemplo, a efetivação de princípios de cooperação e de

solidariedade e, também, pode estimular a competitividade e as formas explícitas ou ocultas de opressão e de discriminação.

b) Em pesquisa anterior, desenvolvida junto a líderes de Grupos de Pesquisa de Política Educacional (MAINARDES, 2021b), constatou-se que a maioria dos respondentes (57,2%) informou que as pesquisas do grupo se fundamentavam em uma diversidade de perspectivas teórico-epistemológicas, e 42,8% responderam que todas as pesquisas são realizadas em uma mesma perspectiva (MAINARDES, 2021b). Compreender os Grupos de Pesquisa como comunidade epistêmica demanda investigar aspectos relacionados aos fundamentos ético-ontoepistemológicos empregados e como eles são trabalhados no grupo, bem como as possíveis vantagens e desvantagens da adesão a um único referencial ou a uma diversidade de referenciais. A literatura sobre comunidades epistêmicas contribui para compreender as ligações entre os tipos de conhecimento e a organização da produção do conhecimento (GAYARD, 2017; HAAS, 1992; KNORR-CETINA, 1999).

c) Um dos dados intrigantes analisado em uma pesquisa anterior refere-se à baixa interatividade dos Grupos de Pesquisa com outros grupos e mesmo com redes de pesquisa (MAINARDES, 2021a). Diversos Grupos de Pesquisa são formados pelo pesquisador (líder) e seus estudantes de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, membros externos, com baixa interatividade com outros Grupos de Pesquisa, com outros pesquisadores ou mesmo com redes de pesquisa. A ausência de financiamento para a consolidação de Grupos de Pesquisa, bem como para a realização de pesquisa em rede dificultam a ampliação da interatividade. No entanto, é importante aprofundar as razões pelas quais muitos Grupos de Pesquisa configuram-se como altamente endógenos e pouco interativos. Ainda nesse aspecto, parece relevante investigar em que medida a colaboração entre grupos se efetiva e ainda quais são os padrões (tipos) dessas cooperações (HENNEMANN; RYBSKI; LIEFNER, 2012).

d) A literatura existente tende a tomar como objeto de estudo Grupos de Pesquisa de uma mesma área. Seria relevante desenvolver pesquisas com Grupos de Pesquisa de diferentes áreas ou, ainda, semelhanças e diferenças entre grupos de uma mesma Grande Área (por exemplo, Ciências Humanas, Ciências Sociais ou Interdisciplinar). Na literatura internacional, Wagenknecht (2016) analisou dois Grupos de Pesquisa, sendo um de Astronomia e outro de Biologia Molecular. Blasi e Romagnosi (2009) mencionam um projeto desenvolvido por pesquisadores de seis universidades europeias (duas universidades da Itália, uma da Dinamarca, uma da Holanda, uma da Eslovênia e uma da Espanha). Na Itália, em particular, foram estudados dois grupos de pesquisa: um grupo de Biologia (Imunologia e Patologia Microbiana – IPM) e outro grupo de Engenharia Mecânica (Sistemas de Tecnologia e

Processamento – STP). Nos dois casos, o processo de construção do conhecimento científico segue caminhos diferentes dos “tradicionais”: os grupos experimentais apresentam alta propensão à inovação, e sua atividade de pesquisa se move frequentemente em direção ao limite da transferência de tecnologia. Esse processo é mais natural para o Grupo de STP porque sua atividade de pesquisa se concentrava, principalmente, em questões de tecnologia. Para o IPM, a escolha é bem menos óbvia, uma vez que o grupo estabelece metas mais próximas da pesquisa básica (BLASI; ROMAGNOSI, 2009). Degn *et al.* (2017) relata uma pesquisa realizada na Dinamarca com dois grupos de alto desempenho, sendo um de Química e outro de Física teórica. López-Yáñez e Altopiedi (2015) discutem os dados de uma pesquisa com Grupos de Pesquisa de Grupos de quatro campos disciplinares: Ecologia, Engenharia de fluidos, Arqueologia e Neuropsicologia.

Considerações finais

Neste artigo, apresentou-se uma breve análise da literatura sobre Grupos de Pesquisa na área de Educação. No levantamento de dados, buscou-se considerar as publicações de outras áreas, com o objetivo de estabelecer comparações da pesquisa da área de Educação com outras áreas. Constatou-se que, embora existam trabalhos relevantes em diversas áreas, a pesquisa sobre Grupos de Pesquisa necessita de fundamentação ético-ontopistemológica mais consistente.

No Brasil e na América Latina, os Grupos de Pesquisa são um espaço e um objeto de estudo ainda em busca de valorização e de reconhecimento. Apesar de se constituírem uma das bases da Pós-Graduação no Brasil e da formação de pesquisadores, são ainda pouco valorizados no âmbito das instituições e pelos órgãos de fomento.

Para finalizar, concorda-se com André (2007) quando afirma que os Grupos de Pesquisa são um espaço genuíno de formação e que os grupos não devem ter um papel formalista e burocrático, mas, sim, um espaço formativo por excelência, de modo a contribuir para a melhoria da qualidade da pesquisa, da Pós-Graduação e da formação de pesquisadores.

Referências

ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia T. A trajetória de um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. *e-Curriculum*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-15, jun. 2007.

ADRIÃO, Theresa. Notas sobre o Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional – GREPPE. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 51-56, jul./dez. 2012.

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto; DALL IGNA, Fernando Rodrigo. Grupos de investigação em educação superior: por onde anda a produção do conhecimento científico?. *Roteiro*, Joaçaba, v. 43, n. 1, p. 185-204, jan./abr. 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Grupos de pesquisa: formação ou burocratização? *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, n. 23, p. 133-138, nov. 2007.

ANDREWS, Frank M. Scientific productivity. In: ANDREWS, Frank M. (ed.). *The effectiveness of research groups in six countries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 253-289.

ARECHAVALA VARGAS, Ricardo; DÍAZ PEREZ, Claudia. El proceso de desarrollo de grupos de investigación. *Revista de la Educación Superior*, México, n. 98, p. 1-18, 1996.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; OLIVEIRA, Miriam Laís Setti de Almeida Marcelo. Inventário dos grupos brasileiros de pesquisa na teoria histórico-cultural a partir do Diretório de Grupos do CNPq. *Obutchénie - Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 566-587, 2021.

BIANCHETTI, Lucídio. Grupos de pesquisa e formação de orientadores: tributo à Marli André (in memoriam). *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 6, n. 17, p. 181-190, jan./abr. 2021.

BLASI, Brigida; ROMAGNOSI, Sandra. Reflection on the collectivization of science through research groups. *Journal of Science Communication*, [s. l.], v. 8, n. 4, p. 1-4, 2009.

BRASIL. *Resolução Nº 5, de 10 de março de 1983*. Fixa normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação stricto sensu. Brasília: CES/CNE/MEC, [1983]. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=233>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRITO, Glaucia da Silva; KNOLL, Ariana Chagas Gerzson; SIMONIAN, Michele. Grupos de pesquisa: o acolhimento aos habitantes, visitantes e transeuntes de um ambiente virtual. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 31, p. 505-520, set./dez. 2010.

BROILO, Cecília Luiza; CUNHA, Maria Isabel da. *Pedagogia universitária e produção de conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CORRÊA, Paulo Sérgio de Almeida. Instituição e consolidação do campo da História da Educação nos Grupos de Pesquisa situados na região Norte do Brasil: refutação à tese da insignificância. *HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 49, p. 71-96, mar. 2013.

COSTA, Andréia Cristina Barbosa *et al.* Perfil dos Grupos de Pesquisa de Enfermagem do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, v. 15, v. 3, p. 471-179, maio/jun. 2014.

CREPALDI, Roselene. *Formação em contexto: a contribuição de grupos de pesquisa para o desenvolvimento profissional na Educação Infantil*. 2008. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRUZ, Vanessa Alves da Almeida. *O desenvolvimento profissional do professor de Educação Básica em Grupos de Pesquisa*. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

DEGN, Lise *et al.* Research groups as communities of practice: a case study of four high-performing research groups. *High Education*, [s. l.], v. 76, 231-246, 2018.

FARIAS, Graziela Franceschet; ANTUNES, Helenise Sangoi. A constituição de grupos de pesquisa e a figura feminina: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (GEPFICA) no cenário social. *Travessia*, Cascavel, v. 3, n. 3, p. 1-19, 2009.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain; SILVA, Silvina Pimentel. Apontamentos sobre a formação de professores nos estudos e produções do Grupo de Pesquisa EDUCAS/UECE: percursos e perspectivas. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 13-32, jul./dez. 2018.

FOLETTTO, Denize da Silveira. *O processo constitutivo do Grupo de Análise Narrativa Discursiva*: a formação de pesquisadores no espaço grupal. 2017. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

FOLETTTO, Denize da Silveira; ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Concepções de pesquisa a partir da experiência formativa vivenciada no espaço grupal. *Educação em Questão*, Natal, v. 55, n. 46, p. 106-130, out./dez. 2017a.

FOLETTTO, Denize da Silveira; ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. O estado da arte sobre a formação de pesquisadores no espaço grupal. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 339-358, set./dez. 2017b.

GATTI, Bernardete A. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 124-132, set./dez. 2005.

GAYARD, Nicole Aguiar. A. Democratizando a ciência no cenário internacional: um debate sobre conceito de comunidades epistêmicas e sua perspectiva da ciência na política internacional. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 112-125, maio 2017.

GEMAQUE, Rosana; GUTIERREZ, Dalva V.; MENDES, Danielle Cristina de B. Grupo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Financiamento da Educação (GEFIN): algumas reflexões sobre sua constituição, processos e desafios. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 37-50, jul./dez. 2012.

GILBERT, Margaret. Collective epistemology. *Episteme*, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 95-107, 2004.

GILBERT, Margaret. *On social facts*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

GREEN, David E. Group research. *Science*, [s. l.], n. 119, p. 444-445, 1954.

HAAS, Peter M. Introduction: epistemic communities and international policy coordination. *International Organization*, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992.

HAGE, Salomão Mufarrej. Movimentos sociais, educação do campo e pesquisa: um estudo sobre os grupos de pesquisa do Pará no diretório do CNPq. *Margens*, Belém, v. 5, n. 6, p. 25-38, 2009.

HARDWIG, John. Epistemic dependence. *The Journal of Philosophy*, [s. l.], v. 82, n. 7, p. 335-349, 1985.

HARDWIG, John. The role of trust in knowledge. *The Journal of Philosophy*, [s. l.], v. 88, n. 12, p. 693-708, 1991.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao. *O campo da História da Educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa*. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. O campo da História da Educação no Brasil: um estudo baseado nos Grupos de Pesquisa. *Avaliação*, Sorocaba, v. 15, n. 3, p. 167-184, nov. 2010.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha. Perfil bibliométrico dos Grupos de Pesquisa em Educação do Campo: (2000-2016). *Revista Brasileira de Educação no Campo*, Tocantinópolis, v. 1, n. 1 p. 4-25, jan./jun. 2016.

HENNEMANN, Stephan; RYBSKI, Diego; LIEFNER, Ingo. The myth of global science collaboration - collaboration patterns in epistemic communities. *Journal of Informetrics*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 217-225, 2012.

HOFFMANN, Yohana Taise *et al.* Circulação inter e intracoletiva em Grupos de Pesquisa de História da Educação Matemática. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 25, n. 4, p. 1067-1080, 2019.

HORTA, Hugo; LACY, T. Austin. How does size matter for science? Exploring the effects of research unit size on academics scientific productivity and information exchange behaviors. *Science and Public Policy*, [s. l.], v. 38, n. 6, p. 449-460, 2011.

KENNA, Ralph; BERCHE, Bertran. Critical masses for academic research groups and consequences for higher education research policy and management. *Higher Education Management and Policy*, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 1-21, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. (org). *Grupos que pesquisam EAD no Brasil*. [S. l.]: Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), 2017. Disponível em: http://abed.org.br/congresso2017/Grupos_que_pesquisam_EAD_no_Brasil.pdf. Acesso em: 6 ago. 2021.

KNORR-CETINA, Karin. *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari; QUADROS, Marta Campos de; FERREIRA FILHO, João. Grupo de Pesquisa Formação de Professores, políticas públicas e espaço escolar: compromisso com uma escola pública de qualidade. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 127-142, jan./jul. 2018.

LÓPEZ-YÁÑEZ, Julián; ALTOPIEDI, Mariana. Evolution and social dynamics of acknowledged research groups. *High Education*, [s. l.], v. 70, p. 629-647, 2015.

LUCE, Maria Beatriz *et al.* Núcleo de Estudos de Política e Gestão da Educação da UFRGS: linhas convergentes e paralelas. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 18-30, jul./dez. 2012.

MAINARDES, Jefferson. Panorama dos grupos de pesquisa de Política Educacional no Brasil. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 15, p. 1-25, 2021a.

MAINARDES, Jefferson. *Relatório final da pesquisa "A produção de conhecimento acadêmico em Política Educacional: uma análise a partir dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq"*. Ponta Grossa: UEPG, 2021b.

MAINARDES, Jefferson. Autoentrevista. In: MAINARDES, Jefferson. *Alfabetização e prática pedagógica: trajetórias & vivências*. Curitiba, 2021. p. 127-143.

MATOS, Cleide Carvalho de; REIS, Manuelle Espindola dos. Grupos de pesquisa de política educacional na região Norte: espaços mobilizadores de formação de pesquisadores. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 111-130, 2019.

MATOS, Cleide Carvalho de; REIS, Manuelle Espindola dos; COSTA, Waldelicy Lacerda da. Grupos de pesquisa sobre política educacional e as redes de pesquisas construídas por meio da produção científica em coautoria. *Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa*, Ponta Grossa, v. 5, e2014553, p. 1-13, 2020.

MORAES, Carmen Sylvia; LOBÃO, Evandro; KRUPPA, Sonia Maria. O grupo de Pesquisa em trabalho e Educação da Faculdade de Educação da USP. *Trabalho necessário*, Niterói, v. 9, n. 13, p. 1-14, 2011.

MOREIRA, Jonathan Rosa; VILAN FILHO, Jayme Leiro; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Características e produção científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas de Ciência da Informação e Museologia (1992 – 2012). *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 4, p. 93-106, out./dez. 2015.

MOROSINI, Marília Costa. Grupos de Pesquisa no Brasil: a perspectiva do campo científico. In: BROILO, Cecília Luiza; CUNHA, Maria Isabel (org.). *Pedagogia universitária e produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 83-104.

ODELIUS, Catarina Cecília; SENA, André de Castro. Atuação em Grupos de Pesquisa: competências e processos de aprendizagem. *Revista de Administração FACES*, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 13-31, out./dez. 2009.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Presença de Paulo Freire nos grupos de pesquisa do CNPq. e-*Curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 1-23, 2011.

OLIVEIRA, João Ferreira de; ASSIS, Lúcia Maria de. Núcleo de Estudos, Pesquisa e Documentação Educação, Sociedade e Cultura (Nedesc) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás: trajetória e desafios da pesquisa e da formação. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 31-36, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Priscila H. A. *et al.* Brazilian pediatric research groups, lines of research, and main areas of activity. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 91, n. 3, p. 299-305, 2015.

OLIVEIRA, Valeska Fortes; PERES, Lúcia Maria Vaz. Dois grupos de pesquisa... falas convergentes... imaginários que se aproximam. *Educação*, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 453-472, set./dez. 2009.

PEREIRA, Gilson R. de M.; ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. Aprendizagem científica: experiência com Grupo de Pesquisa. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. (org.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. São Paulo: Papyrus, 2008. p. 153-68.

PUCCI, Bruno. O Grupo de Pesquisa como espaço-tempo de parcerias, de produção científica e de formação humana: UFSCar – 1987-1990. *Comunicações*, Piracicaba, v. 18, n. 1, p. 41-51, jan./jun. 2011.

REY ROCHA, Jesús; MARTÍN SEMPERE, María José; SEBASTIÁN, Jesús. Estructura y dinámica de los grupos de investigación. *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, [s. l.], v. 184, n. 732, p. 743-757, 2008.

ROBL, Fabiane; MENEGHEL, Stela Maria. Produção acadêmica em grupos de pesquisa em educação: o perfil dos GPs do Sistema ACADE/SC. In: ALMEIDA, H. C. T. (org.). *Desafios da educação neste século: pesquisa e formação de professores*. Cruz Alta: Unicruz, 2003. p. 267-271.

ROCHA, Simone Albuquerque; MARTINS, Rosana Maria. O Grupo Investigação/PPGEdu/UFTM e sua trajetória de pesquisa em Mato Grosso. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 85-100, jul./dez. 2018.

ROMANOWSKI, Joana; MARTINS, Pura Lucia Oliver; VOSGERAU, Dilmeire. Pesquisa em formação de professores do Grupo Práxis Educativa Dimensões e Processos: questões teórico-metodológicas. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 53-66, jan./jul. 2018.

ROSSIT, Rosana Aparecida Salvador *et al.* Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre educação interprofissional (EIP): narrativas em foco. *Interface: comunicação, saúde e educação*, v. 22, p. 1511-1523, 2018.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Grupos de pesquisa: limites e possibilidades na construção de novas condições para a produção do conhecimento. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 23, n. 36, p. 268-290, jun. 2011.

SANT'ANA, Ruth Bernardes. O trabalho em redes e grupos de colaboração em pesquisa: desafios contemporâneos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1143 - 1162, set./dez. 2015.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo; LÜBECK, M. Itinerários do Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática e sua Relação com a Educação Matemática. *Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 125-151, 2011.

SCHWARTZ, Cleonara Maria; FRADE, Isabel Cristian da Silva; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Grupos de Pesquisa em Alfabetização no Brasil: diálogos com redes de pesquisa. *Roteiro*, Joaçaba, v. 44, n. 3, e20502, p. 1-26, set./dez. 2019.

SILVA JUNIOR, Samuel Vinente; SILVA, Ketlen Júlia Lima da. Contribuições de um grupo de pesquisa na produção científica em Educação Inclusiva na Região Amazônica. *Revista Triângulo*, Uberaba, v. 7, n. 2, p. 78-92, jul./dez. 2014.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; CORDEIRO, Karina de Oliveira Santos. Mapeamento de grupos de pesquisa e estudos sobre a Educação Infantil para as crianças residentes em áreas rurais da região sudeste do Brasil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 37, n. 4, p. 844-863, 2019.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e Educação Infantil no Brasil: primeiras

aproximações. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 89-97, 2010.

SMITH, Robert V. *Development and management of research groups: a guide for university researchers*. Austin: University of Texas Press, 1981.

SOUZA, Aiala Silva; CHAPANI, Daisi Teresinha. Formação universitária de professores: a participação de licenciandos de Ciências Biológicas em grupo de pesquisa. *RenCIMA*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 111-131, 2019.

SOUZA, Edilson de. *Projetos e Grupos de Pesquisa na formação inicial: um estudo a partir das significações imaginárias*. 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SOUZA, Sirlene Vieira de; BARROS, Márcia Lúcia Nogueira de Lima. Núcleo de pesquisas em educação e diversidade: Educação Especial em foco. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 32, jan./abr. 2020.

STETSENKO, Anna. Ético-ontopistemologia ativista: pesquisa e estudo de resistência. In: ANPEd. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. *Ética e pesquisa em educação: subsídios*. v. 2. Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. p. 16-22.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; ALMEIDA, Bruna Alves. A formação de professores e os grupos de pesquisa: algumas tendências. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 95-109, jan./abr. 2020.

TAVARES, Taís Moura. NuPE/UFPR – Núcleo de Políticas Educacionais: criação, características e desafios. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 12 – 17, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, Lilian Aparecida; PASSOS; Marinez Meneghello; ARRUDA, Sergio de Mello. A formação de pesquisadores em um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática. *Ciência & Educação*, v. 21, n. 2, p. 525-541, 2015.

TELLO, César. Las epistemologías de la política educativa: vigilancia y posicionamiento epistemológico del investigador en política educativa. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 7 n. 1, p. 53-68, jan./jun. 2012.

TELLO, César; MAINARDES, Jefferson. Revisitando o enfoque das epistemologias da Política Educacional. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 153-178, jan./jun. 2015.

TOZETTO, Susana Soares *et al.* Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho Docente: GEPTADO/UEPG. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 131-146, jul./dez. 2018.

VABØ, Agnete *et al.* The establishment of formal research groups in higher education institutions. *Nordic Journal of Studies in Educational Policy*, [s. l.], v. 2, p. 1-11, 2016.

VIANNA, Eduardo; STETSENKO, Anna. compromisso e posicionamento: ética em pesquisa ativista transformadora. *In: ANPEd. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em educação: subsídios. v. 2.* Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. p. 23-28.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. A pesquisa e a Universidade no Brasil: organização e institucionalização dos Grupos de Pesquisa em Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 5, n. 9, p. 29-55, jan./jun. 2015.

WAGENKNECHT, Susann. *A social epistemology of research groups: collaboration in scientific practice.* Indianapolis: Palgrave Macmillan, 2016.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. A pesquisa em educação no campo no Brasil. *In: WERLE, Flávia Obino Corrêa; LÓPEZ, Oresta; TRIANA, Alba Nidia. (org.). Educação rural na América Latina.* São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 101-117.

ZIMAN, John Michael. The collectivization of Science. *Proceedings of the Royal Society*, [s. l.], n. 219, p. 1-19, 1983.

Recebido em: 13/08/2021

Aceito em: 02/09/2021

Jefferson Mainardes

Doutor em Educação pelo Institute of Education – University of London. Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Contato: jefferson.m@uol.com.br